

Os críticos julgados pelos escritores

Apetece dizer: a crítica vai bem, obrigado, mas está sitiada no ensaio. Foi-se o tempo da crítica tipo o-livro-é-bom-porque-eu-gosto-e-gostos-não-se-discutem. Agora, especializou-se e passou a exemplificar os seus critérios de avaliação. E, aqui, as opiniões dividem-se.

ISABEL RISQUES

Há quem tenha saudades do tempo em que João Gaspar Simões assinava as suas críticas elogiosas ou devastadoras. Há quem, bem pelo contrário, aplauda o desaparecimento da crítica contundente. Há ainda quem defenda que está banalizada e aponte como causa principal o ter sido entregue a gente incompetente que, quase sempre, serve os interesses de amigos, editoras ou dos órgãos de imprensa onde trabalham.

Falámos com críticos e escritores. Ouvimos Almeida Faria, António Lobo Antunes, António Ramos Rosa, David Mourão-Ferreira, João de Melo, José Cardoso Pires, Lídia Jorge e Vergílio Ferreira. Entre os críticos, António Guerreiro, do Expresso, e Fernando Pinto do Amaral, do Jornal de Letras e da Revista Colóquio-Letras, da Fundação Gulbenkian.

Sainte-Beuve, um dos papas da crítica, dizia que o crítico literário é um homem que sabe ler e ensina os outros a ler. Também Ernst-Robert Curtius entendia que a análise dos temas e da técnica é «o prefácio a toda a crítica literária que pretenda elevar-se acima do simples palavreado, das paráfrases e dos falsos comentários». Diferente era a opinião do grande mestre espanhol Dámaso Alonso para quem o crítico é «um ser em quem as qualidades do leitor estão exacerbadas» e que tem por missão «comunicar, compendiosamente, rapidamente, imagens dessas intuições recebidas». Ou seja: se o crítico se limita a fornecer imagens de outras imagens não esboça mais, afinal, que uma paupérrima segunda criação, uma inútil duplicação, a tradução de uma obra de arte em outra obra que lhe é, salvo raras excepções, inferior. Como disse David Mourão-Ferreira, para que a crítica não mereça a cruel caricatura que dela traça Dámaso Alonso «necessita de incorporar em si as técnicas, os métodos, as preocupações dos mais diversos ramos da investigação literária». David Mourão-Ferreira lembra ainda que uma obra mal servida ficará sempre com análises incompletas, sínteses precipitadas e, mais ainda, «com os habituais 'clichés', os correntes juízos apropriacionistas, as costumadas fugas para considerações marginais de toda a casta». Mas porque hoje em dia está a desaparecer a crítica tipo «gosto, é excepcional»

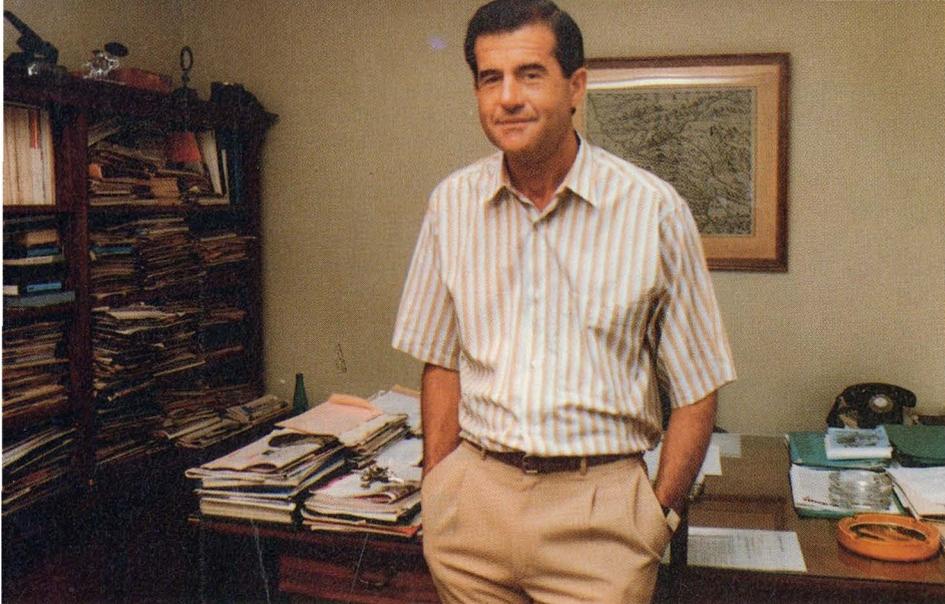
ou «não gosto, é detestável», ganha forma e espaço a crítica tipo universitária, pouco ou nada acessível ao leitor comum que não chega a perceber, tão-pouco, se quem assina o artigo gostou ou não da obra referida.

O facto é que basta o espaço dispensado, a análise morosa, o estudo pormenorizado da obra para adivinharmos que o crítico ficou seduzido pelo livro em questão. Caso contrário não falava, deixava passar em branco ou, se necessário, no caso de uma obra menor estar a ter um impacto imerecido, faria uma curta nota «para denunciar a mediocridade do autor ou do livro», como nos disse António Guerreiro.

Agora, é assim. E há quem trema antes de saber o que os jornais vão dizer. O caso, por exemplo, de João de Melo que afirma que «o insuportável nos críticos é que eles tenham a arrogância de nunca terem escrito um livro, mas terem a pretensão de querer ensinar como se escrevem livros. E, como eles, geralmente, berram mais alto do que nós, dá a ideia a quem lê que têm sempre a razão do seu lado». João de Melo reconhece, aliás, o poder da crítica: «Toda a gente diz que ela não existe, mas todos a temem. O acto de escrever livros é um pouco o exercício de andar sobre o fio da navalha, porque embora a gente não personalize o acto da escrita e não o dirija directamente a alguém, é de certa forma irresistível correr a ler as opiniões que se têm dos livros.»

Uma postura bem diferente da de António Lobo Antunes que rejeita, à partida, a ideia de que alguém possa viver de julgar o trabalho dos outros, pela simples razão de que «não se pode racionalizar uma emoção». Daí que pouco lhe importe a opinião dos «auto-denominados» críticos, quanto a ele, «na sua maioria, escritores falhados».

Almeida Faria utiliza uma expressão mais dura ao afirmar que «estes promotores das Letras adoram cuspir na sopa que os sustenta». Mas, é bem aceite a ideia de que o crítico actual deixou de ser juiz para ser o analista que promove uma segunda leitura. Quanto ao leitor vulgar, não lhe resta outra alternativa senão a de confiar naqueles que adoptam a postura de especialistas, por vezes não o sendo. E só é bom crítico aquele que tem a ambiguidade necessária para compreender o universo alheio.



Almeida Faria

Críticos? Ainda existem?

O *Jornal Ilustrado* — Qual a sua opinião crítica dos críticos actuais?

Almeida Faria — Críticos? Ainda existem? Há quem lamente que esta espécie esteja em vias de extinção, ou em vias de ser substituída por agentes da circulação da mercadoria livro. As relações fatais entre criadores e críticos são tão antigas como a literatura, e com exemplos ilustres: «Moby Dick», igno-

rado pelos contemporâneos e só descoberto neste século; Sainte-Beuve, conseguindo achar Stendhal «destestável» e más «Les Fleurs du Mal»; Proust escrevendo «Contre Sainte-Beuve»; Eça dizendo de Antero que era o maior crítico da península, mas que de arte entendia tanto como ele, Eça, de mecânica. Etc, etc...

P. — Não há, então, nenhum crítico que mereça a sua preferência?

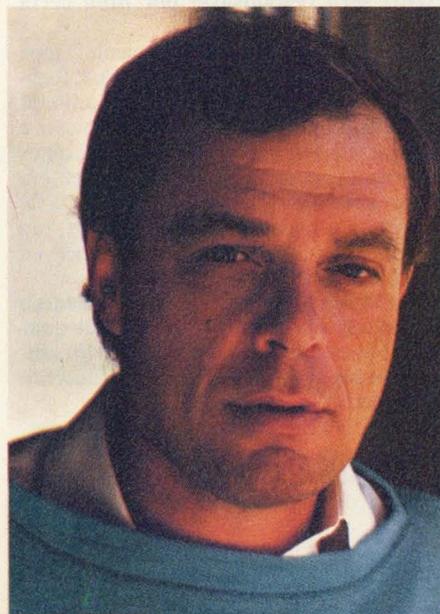
crítica que se publique sobre uma sua obra?

R. — É mais aguda e importante para mim a crítica dos escritores.

Os escritores têm uma compreensão orgânica do texto. Não têm o complexo de inferioridade dos críticos que são, na sua grande maioria, escritores falhados.

P. — Na sua opinião, o que faz vender os livros?

R. — São muito mais os escritores que os críticos. E também as campanhas de marketing, os mecanismos partidários e, sobretudo, o boca a boca das pessoas que dizem que «aquele» livro é bom. Os críticos têm, apenas, a credibilidade que as pessoas que os lêem lhe dão.



R. — Não gosto de entrar em coros, nem de meter todos os gatos no mesmo saco. Há que distinguir entre os muitos repórteres literários e os poucos críticos a sério. Por mim, prefiro a opinião de colegas cuja obra me interessa. Infelizmente, na minivida literária lusitana é raríssimo que um poeta ou romancista conhecido se digne escrever sobre um livro recém-saído. Quando muito, e já não é pouco, o escritor famoso elogia o principiante. Nos países anglo-saxónicos, um grande autor é capaz de louvar publicamente outra celebridade. Em Portugal, talvez pela falta de espaço, parece que dizer bem do vizinho pode empalidecer o próprio brilho. Não é possível mais que um génio por paróquia. Fala-se muito nas nossas costas. E os veredictos começam assim: Fulano é muito meu amigo, mas... Quanto à crítica dos críticos, é agulha no palheiro da prosa dos jornalistas ditos culturais, mais preocupados em apanharem a onda da última moda.

P. — Considera arrogante certa crítica jornalística?

R. — Estes promotores das Letras adoram cuspir na sopa que os sustenta. Até Goethe se queixava dessa praga que se faz convidada para almoçar e depois desata a opinar que o caldo podia estar mais temperado, o assado mais bem passado, o vinho podia ser mais encorpado ou ter mais «bouquet». E Flaubert comparava as pulgas aos críticos, por gostarem de bilros. Não desanimemos, porém. Para consolação das eventuais vítimas da cegueira judicativa, lembrarei que os papas da crítica, mesmo Sainte-Beuve, caíram no esquecimento. Os alvos dos seus vituperios sobreviveram.

António Lobo Antunes

Não os leio, não sei o que são

O *Jornal Ilustrado* — O que pensa do trabalho dos críticos?

António Lobo Antunes — Críticos? Primeiro não os leio. Segundo, não sei o que são. Acho insólito que alguém tenha o gosto, a vocação, a presunção de julgar o trabalho dos outros, tendendo a transformar os seus gostos pessoais em verdades universais. Sempre me fizeram confusão as pessoas que se arrogam a si mesmas o direito de julgar os outros.

P. — Considera inútil o trabalho dos críticos?

R. — Não se pode racionalizar uma emoção. Seja como for, os autodenominados críticos, tais como os autodenominados escritores, estão enfeudados a um sistema de valores que é o deles e que eu tenho de respeitar. De resto, se houvesse unanimidade em relação a um livro, qualquer coisa não estaria bem, acho até que seria um pouco inquietante.

P. — Não dá qualquer valor à boa ou má

António Ramos Rosa

Não há regularidade na crítica literária

O *Jornal Ilustrado* — Os críticos, hoje. Como defini-los?

António Ramos Rosa — Existem várias tendências na crítica literária actual. Uma delas é, talvez, excessivamente formalista. Eu creio que, entre tantos críticos, que exercem, regularmente ou não, a crítica literária, se distinguem alguns nomes que são deveras exemplares. Citarei apenas um: Eduardo Lourenço. O facto de não citar outros nomes não implica que não considere a sua importância. Creio que, talvez como raramente, possuímos um bom número de críticos que conhecem bem o fenómeno literário na sua complexidade e por isso estudam com objectividade e grande delicadeza as obras que analisam.

P. — Não há, pois, na sua opinião, razão

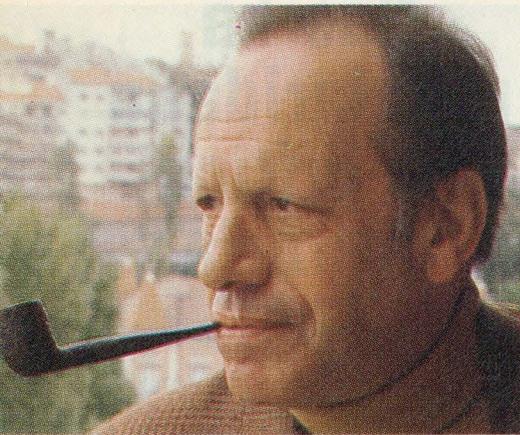
para lamentarmos a falta de bons críticos...

R. — Não é a inexistência de bons críticos que temos de lamentar, mas sim o facto de não exercerem regularmente a crítica literária. Antes do 25 de Abril, quase todos os jornais possuíam páginas literárias onde se exercia a crítica de poesia, ficção e ensaio. Hoje, a actividade crítica exerce-se ainda com regularidade em algumas revistas (poucas) e num ou noutro jornal. O que é de lamentar é que se tenha perdido uma certa vivacidade, digamos assim, que existia nos anos 50 e 60.

No domínio da poesia verificamos que desapareceram quase por completo as revistas de poesia que incluíam sempre uma secção de crítica de poesia. Felizmente, a relação poesia-crítica é muito viva ainda, pois não são raros os poetas que se dedicam à crítica de poesia: citei os nomes de David Mourão-Ferreira, José Augusto Seabra, João Rui de Sousa, Fernando Guimarães, Fernando J. B. Martinho, Joaquim Manuel Magalhães. Mas há, decerto, muitos outros que poderia citar. Creio que contamos com alguns críticos de primeiro plano e que a crítica que eles exercem é exemplar e extremamente importante.



David Mourão-Ferreira **Sempre houve críticos credíveis e críticos... incríveis**



O Jornal Ilustrado — Parece-lhe que a crítica continua a ter credibilidade?

David Mourão-Ferreira — A credibilidade da crítica é tão relativa como a própria crítica. E só acreditam na infalibilidade da mesma os leitores muito ingénuos ou os escritores que se tornam paranóicos à força de incessantemente incensados. No pólo oposto, só a acham irremediavelmente falível os espíritos muito azedos ou os autores que se tornam esquizofrénicos à força de invariavel-

mente zurzidos. Mas basta conhecer um pouco a história literária, ou ter já vivido alguns dos seus períodos, para se concluir que a verdade está no meio termo: sempre houve críticos credíveis, sempre houve críticos... incríveis. A este respeito, nada de novo sob a roda do Sol.

P. — A indefinição da literatura que se produz será responsável por uma certa crise da crítica?

R. — Claro que existe (felizmente!) uma indefinição da literatura que se produz. Refiro-me, obviamente, à boa literatura, à literatura digna de tal nome. Esta, por definição, é naturalmente definível — sobretudo aos olhos dos próprios contemporâneos. E a crítica, em relação a ela, constitui uma convergência de esforços, ora mais ora menos gorados, ora mais ora menos meritórios, precisamente no sentido de tentar definir o indefinível.

P. — Uma literatura de largo consumo é incompatível com uma literatura de qualidade? Será que a existência de tal incompatibilidade se reflecte no comportamento da crítica?

R. — Uma literatura que seja, logo à partida, de largo consumo? Essa é a que se arrisca, na maior parte dos casos, a nunca ser uma literatura de qualidade. Em contrapartida,

apenas a literatura de qualidade poderá tornar-se, a médio ou longo prazo, numa literatura de duradouro consumo. E a crítica imediata, essa, encontrar-se-á em derrapagem permanente sempre que atenda mais aos índices de consumo que a intrínsecos critérios de qualidade. O que, obviamente, também acontece. Hoje como sempre.

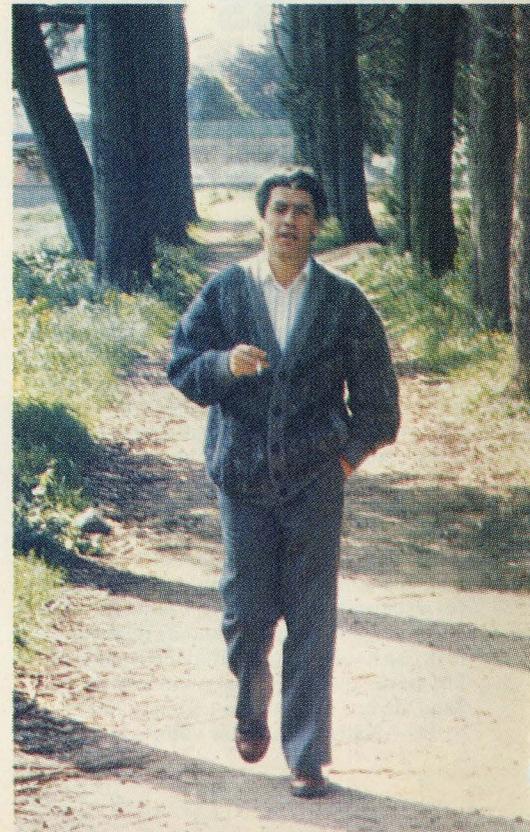
João de Melo **É insuportável a arrogância dos críticos**

O Jornal Ilustrado — Acredita no poder do crítico?

João de Melo — É óbvio que o crítico tem poder. Mas é um poder que, muitas vezes, lhe é dado pelo órgão de informação onde trabalha. Já houve obras e escritores feitos à boca de cena, assim como já houve livros que morreram à partida devido às tremendas vergastadas que lhes deram. E isso é uma sensação de um enorme arrepió para qualquer um de nós. Seria hipócrita dizer que não somos pessoas aflitas na primeira ou segunda semana após a publicação de uma obra. É de certa forma irresistível correr a ler as opiniões que os críticos têm dos nossos livros.

P. — Não põe nunca em causa a credibilidade do que escrevem?

R. — Os críticos variam. Há aqueles que assinalam os livros apenas porque existem, mesmo sem os ler; há os que lêem e que, preconceitadamente, afrontam esses livros; e há um reduto cada vez mais pequeno de críticos que é capaz de confessar a sua humildade perante determinados livros que vão lendo.



P. — O que mais o contraria nos críticos?

R. — Digamos que o insuportável é que eles tenham a arrogância de nunca terem escrito um livro, mas terem a pretensão de querer ensinar como se escrevem. Isso para nós é de facto, insuportável. E, como eles geralmente berram mais alto do que nós, dá ideia que têm sempre a razão do seu lado. Gostaria que houvesse, de vez em quando, alguma humildade, que o crítico reconhecesse que errou nas suas previsões. Isto é: que o crítico fosse também capaz de dar a mão à palmatória, que não fosse, apenas, um tribuno público que apareceu, disse e foi-se e, portanto, deixa escrita no papel a verdade absoluta das coisas. Quando um livro tem um grande sucesso por parte do público, é reconhecidamente um livro de qualidade literária e não tem aceitação junto dos críticos, penso que alguma coisa está mal: ou é a questão do gosto, ou é a questão da moda (que há modas em literatura...), ou então algo de paradoxal se estende e ultrapassa o próprio criador.

P. — Uma vez que há modas em literatura, quanto tempo dura o sucesso de um livro?

R. — Hoje, o aparato do sucesso dos livros é muito curto. Fala-se neles numa perspectiva de actualidade. Seis meses depois já não se fala da tal obra de sucesso. Ao contrário de antigamente, em que era possível, um ano ou dois depois, fazer uma reflexão de tipo ensaístico destinada a recuperar determinadas obras junto do público. É um pouco confrangedor para nós ver como um livro pode morrer em seis meses, como em apenas seis meses a actualidade literária trucidada literalmente a pequena aventura de um romance. Tudo isto se deve ao pequeno boom da literatura portuguesa. Os escritores portugueses estão, de facto, na moda, e devo dizê-lo pela positiva. Os leitores acreditam no novo imaginário português. Voltando aos críticos, o que eu gostava de ver, isso sinceramente, era os escritores a falarem dos livros dos outros. Se essa escrita não incorresse na estratégia da concorrência, haveria uma maior verdade.

José Cardoso Pires

Não somos animais de catálogo

O Jornal Ilustrado — A crítica está ou não a perder credibilidade?

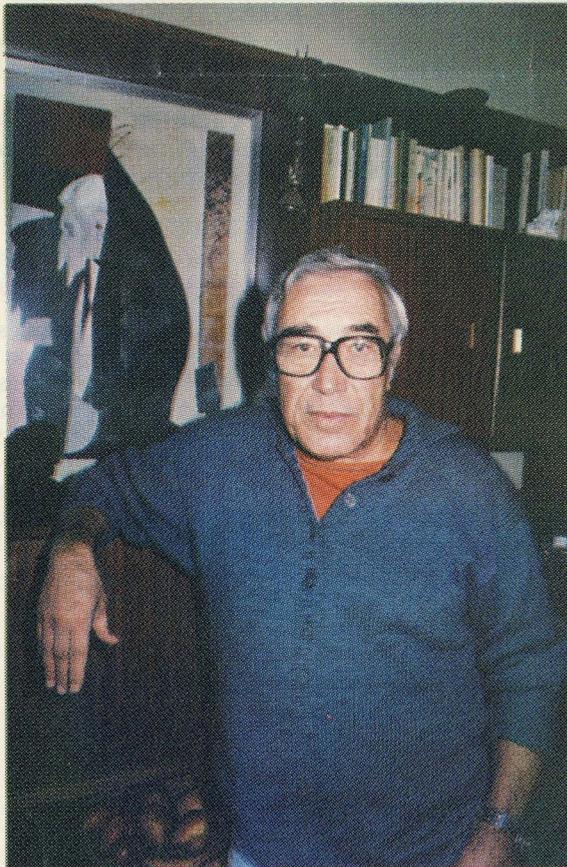
José Cardoso Pires — Essa questão da credibilidade já vem do tempo do Teófilo e do Gaspar Simões, pelo menos. Só que hoje a crítica dispõe de muitos mais mecanismos sociais, o que dá uma outra importância ao problema. A perda da credibilidade da crítica deve-se, em qualquer sociedade actual, a certas estratégias de Poder onde os lobbies e o mundanismo das Letras desempenham algum papel.

P. — A indefinição da literatura que se produz será responsável por uma certa crise da crítica?

R. — Sinceramente não vejo que a indefinição da literatura actual possa ser um sinal negativo. Definidos já nós andamos de mais pelos polícias da literatura e, além disso, um poeta, ou um romancista, não é propriamente um animal de catálogo. Pelo contrário. Por mais que a gente os soletre não lhe encontra uma definição cabal porque os bons escritores são sempre de várias leituras. Penso portanto que uma crise da crítica não tem nada a ver com a tal indefinição dos géneros ou coisas assim. As razões terão forçosamente outras determinantes. Entre essas, a ambição que ela tem de se assumir como gestora do mercado de opinião.

P. — E não acha que foi sempre essa a ambição natural de qualquer crítica?

R. — A autoridade é função dos meios que a apoiam. Ainda há meia dúzia de anos, repa-



re, a crítica literária estava fechada em si mesma numa tecnocracia estrutural. Hoje, não. Hoje é um interveniente no consumo cultural e, nos casos menos dignos, isso confere-lhe um sentimento ou uma ilusão de poder e de impunidade que pode atingir expressões de terrorismo cultural.



Lídia Jorge

Hoje não há papas da crítica

O Jornal Ilustrado — Pode dizer-se que a crítica está a atravessar um período de crise?

Lídia Jorge — Nós não estamos em crise de críticos. Estamos em crise de espaços credíveis em termos de crítica. Há muitos semanários, muitos diários e verifica-se, dada a variedade, um constante saltitar do olhar das pessoas. Os jornais fazem remodelações, retiram espaços de referência, o crítico que assinava no jornal «x» está agora no jornal «y». E, por vezes, os leitores habituais perdem-lhes o rasto, ficam sem pontos de referência. Não há meio de criar alguma estabilidade.

P. — E em relação ao trabalho dos críticos, concorda com os seus critérios de avaliação?

R. — Não tenho nenhuma saudade da crítica contundente. É própria de tempos em que a política andava misturada com a cultura. A crítica que atinge as pessoas e não as obras pode criar perturbações graves em quem escreve. A crítica tem de ir sempre na esteira da literatura e nunca o contrário, não pode conter um conceito dogmático.

P. — Acredita no poder do crítico?

R. — Está já muito limitado. Não há ninguém, hoje, que seja papa da crítica em Portugal. Eu, pessoalmente, tenho receio de uma crítica ditadora, porque os criadores, eles próprios, desconhecem até que ponto podem ficar sensibilizados por críticas arrasadoras. O dogma nunca deve perseguir a criatividade. Se o crítico tem o direito de ser altivo, tem de saber que o escritor não pode, de modo algum, deixar de o ser. Respeito os críticos, mas não me sujeito. Não abduco do meu espaço de insujeição.

P. — Considera acessível a linguagem dos críticos?

R. — Há os que são capazes de utilizar uma linguagem de informação de modo a, facilmente, atingirem um público leitor comum. Mas, há casos em que fico perplexa com o nível na simbologia. Parecem-me, por vezes, análises forçadas, uma ciência falsa. Mas, enfim, cada um é livre de escrever como quer.



Vergílio Ferreira Vivemos na era do vazio

O Jornal Ilustrado — Como vai a crítica em Portugal?

Vergílio Ferreira — Tornou-se menos credível. Por um lado porque certa crítica requintou-se de tal modo que nos leva a uma certa decepção quando observamos as obras criticadas. Por outro lado, perdeu-se a regularidade, não há críticos que tenham uma tribuna constante, bem estruturada. Não conheço nenhum substituto do João Gaspar Simões, do Álvaro Salema ou do Óscar Lopes.

P. — E que explicações encontra para justificar esta situação?

R. — A explicação é só uma: não dispomos hoje de um projecto global cultural e literário. A crítica não dispõe de apoios, de suportes que organizem um pensar coerente e contínuo. Todo o projecto estético tem as suas coordenadas e é dentro delas que depois se faz uma determinada realização. Por exemplo, podemos citar Eça como figura principal do realismo, Fernando Pessoa, a figura de proa do romantismo, Pessanha está ligado ao simbolismo, etc. E nós? A História está em suspenso. Os valores esvaziaram-se, desapareceram. Estamos num período de suspensão e tudo se inscreve nesta fatalidade do nosso tempo.

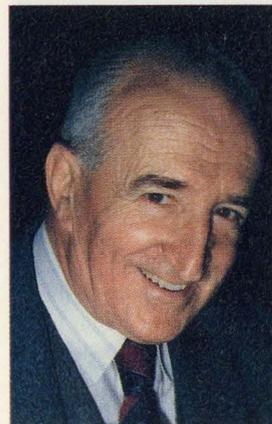
P. — Por isso a irregularidade da crítica literária?

R. — Este vazio faz com que também os críticos estejam privados de elementos que enquadrem e orientem a sua actividade. Dizia Hegel que «a arte é uma coisa do passado», embora o afirmasse com outra significação. Eu, pessoalmente, não acredito que assim seja. A arte está, sim, em suspenso, a atravessar um mau momento, mas terá sempre de existir para o Homem a menos que se concebesse uma outra espécie humana que não esta...

Eduardo Lourenço, Clara Ferreira Alves, Maria Lúcia Lepecki, Fernando Pinto do Amaral e António Guerreiro podem ser considerados como alguns dos mais importantes críticos literários portugueses da actualidade. Poderíamos acrescentar outros nomes à lista, tais como Inês Pedrosa, Francisco José Viegas, Óscar Lopes, David Mourão-Ferreira e Joaquim Manuel Magalhães. Mas não é possível designar o nome dos três mais importantes. Depois de pedirmos a opinião a oito escritores de reconhecida qualidade, chegámos à conclusão de que os gostos variam. Vem, pois, a propósito citar Lúcia Jorge para dizer que não há, hoje, ninguém que seja papa da crítica em Portugal.

Para Almeida Faria, os críticos são «uma espécie em vias de extinção». Chega ao ponto de interrogar-se se ainda existem, sublinhando que não lhes sente a falta e que prefere a opinião de colegas cuja obra lhe interessa.

Também António Lobo Antunes afirma preferir a opinião de outros escritores porque, diz, têm uma compreensão orgânica do texto»



Eduardo Lourenço



Clara Ferreira Alves

Encontros e desencontros na eleição dos melhores

ALMEIDA FARIA

Críticos? Ainda existem?

ANTÓNIO LOBO ANTUNES:

Não sei quem são, não os leio

ANTÓNIO RAMOS ROSA

Eduardo Lourenço

DAVID MOURÃO-FERREIRA

Prefiro não pecar por omissão

JOÃO DE MELO

Clara Ferreira Alves, Maria Lúcia Lepecki e Francisco José Viegas

JOSÉ CARDOSO PIRES

Inês Pedrosa, Eduardo Lourenço e Clara Ferreira Alves

LÍDIA JORGE

Fernando Pinto do Amaral, Inês Pedrosa e Jorge Figueiredo Jorge

VERGÍLIO FERREIRA

Não conheço nenhum em plenas funções

e estão libertos do «complexo de inferioridade dos críticos». António Ramos Rosa cita apenas um: Eduardo Lourenço. Embora admita que «contamos com alguns críticos de primeiro plano».

D a v i d Mourão-Ferreira não cita nenhum, mas apresenta razões de peso: «Só três críticos? Creio que poderia à vontade eleger muitos mais. Seriam aqueles a quem mais devo no conhecimento, no esclarecimento, na decifração, enfim, das obras de uns tantos autores que particularmente prezo. Para não falar dos que (e são praticamente os

mesmos) mais me têm esclarecido a meu próprio respeito, quer louvando, quer pondo reservas àquilo que escrevo. Mas temo que algum nome de momento me escape. Prefiro, pois, não cair na injustiça de pecar por omissão.»

João de Melo cita, entre os críticos actuais, Clara Ferreira Alves, Maria Lúcia Lepecki e Francisco José Viegas. Entre os veteranos, Jacinto Prado Coelho, Óscar Lopes e Álvaro Salema.

José Cardoso Pires aponta Inês Pedrosa, Eduardo Lourenço e Clara Ferreira Alves.

Lúcia Jorge dá o nome daqueles «que ainda não estão firmados, mas prometem», os nomes mais novos da crítica: Fernando Pinto do Amaral, Inês Pedrosa e Jorge Figueiredo Jorge.

Finalmente, na opinião de Vergílio Ferreira, «hoje, a arte e a crítica estão em suspenso». Insistimos, mesmo assim. Mas Vergílio Ferreira não desarma: «Críticos literários? Não conheço nenhum em plenas funções.» E foi com alguma saudade que recordou os nomes de Álvaro Salema, João Gaspar Simões e Óscar Lopes.

A palavra dos críticos

Eles existem, têm nome e não se coíbem de dizer aquilo que pensam, doa a quem doer. Falamos de António Guerreiro e Fernando Pinto do Amaral, críticos literários.

António Guerreiro **É difícil não falar do livro dos amigos**

O Jornal Ilustrado — Até que ponto um crítico é verdadeiro na crítica que faz?

António Guerreiro — Como em todos os domínios, também aqui funcionam mecanismos de cumplicidade e afectividade que não podem, nem devem, ser excluídos. É claro que tudo depende do grau de cumplicidade afectiva: se for muito elevado corre-se o risco de as pessoas se tornarem opacas face a outras pessoas que lhe estão próximas. Por outro lado, quando não se gosta do livro de um amigo, a melhor solução é guardarmos um silêncio prudente em vez de dizermos mal.

P. — E, nesse caso, o crítico estará a ser honesto com o seu trabalho?

R. — Tudo depende da crítica que se faz. Pode ser um tipo de crítica que não implica a apreciação estética. De facto, a crítica nos jornais cumpre essa função. De qualquer forma assistimos a várias maneiras de a efectuar. Há os que assumem muito mais o aspecto valorativo e há os que quase recusam esse método, acentuando o grau de valorização através da escolha: o livro «x» em detrimento do livro «y».

P. — Entre duas obras que mereçam a sua atenção, se uma delas for de um amigo, é nessa que recairá a sua escolha?

R. — É difícil não falar do livro dos amigos: o meio é tão pequeno que todos se conhecem uns aos outros. É evidente que estamos a criar uma certa promiscuidade (no sentido metafórico, note-se...) e toda uma rede de cumplicidade a que é difícil escaparmos. Seja como for, o modo como eu valorizo as obras começa primeiro pela escolha. Não tenho qualquer interesse em escrever sobre um autor que considero absolutamente medíocre, salvo se a obra desse autor estiver a ser valorizada e merecer que se denuncie, num curto artigo, a sua mediocridade. É evidente que num caso assim, quando é preciso usar uma linguagem violenta, tendemos a fazê-lo com autores que nos são estranhos, de quem não somos amigos, que não funcionam nos mesmos circuitos.

P. — Acaba de dizer que é através da escolha que valoriza as obras. Quer dizer que só escreve sobre livros que lhe interessam?

R. — A minha actividade nem sempre se compadece com os meus gostos. Escrevo num órgão de comunicação social que, como qualquer outro, precisa de artigos. E a minha profissão é escrevê-los. Ou seja: tenho de os produzir quando é necessário. Pagam-me para fazer crítica, logo, sou obrigado, por vezes, a escrever sobre um livro que não me agrada.

P. — A linguagem dos críticos está cada vez mais especializada e menos acessível ao leitor comum. Por vezes, o próprio escritor fica perplexo perante a análise que é feita sobre um livro seu.. Quer comentar?

R. — Trata-se, de facto, de uma leitura para um público distinto, com uma formação distinta. E seria errado pensar que o escritor é

uma espécie de matriz da compreensão do texto. Nem tudo aquilo que se escreve sobre o livro corresponde ao que o próprio escritor pensa que escreveu ou que está lá. A partir do momento em que escreve o livro, o autor passa a ter o estatuto de um outro leitor qualquer, não tem mais autoridade sobre a obra que criou para dizer que aquilo que o crítico escreve é certo ou errado.

P. — Mas, os críticos também se enganam. Reconhecê-lo-ia se isso acontecesse?

R. — É evidente que ao longo do tempo pode haver pequenas oscilações do gosto, tipo uma obra que eu julgara má afinal não ser tão má como isso, ou o contrário. Agora, passar do bem para o mal ou do mal para o bem nas minhas considerações nunca me aconteceu e dificilmente acontecerá.

Fernando Pinto do Amaral **Só escrevo sobre livros que me agradam**

O Jornal Ilustrado — O que o leva a escolher uma obra?

Fernando Pinto do Amaral — Às vezes não somos tanto nós a escolher as obras, mas as obras a escolherem-nos. Parte tudo de um deslumbramento tão grande que é quase imperioso escrever sobre determinadas coisas quando gostamos muito delas. É uma questão de paixão. Eu não consigo ter outra relação com as obras quando faço um artigo crítico importante. É diferente quando se faz uma nota de leitura, quando apenas se chama a atenção para um livro.

P. — Só faz leituras aprofundadas quando gosta das obras?

R. — Sim. Caso contrário, prefiro não falar. Se um crítico faz um texto muito elaborado para falar de determinado livro é fácil prever que a obra o tocou de alguma maneira, que foi afectado por ela. Torna-se desnecessário dizer se a obra é má ou boa.

P. — A linguagem da crítica mudou. Porquê?

R. — O que talvez não haja hoje em dia é aquela frontalidade do tempo de João Gaspar Simões, aquela leitura primária tipo «não gostei, é uma porcaria» ou «gostei muito, é uma obra magnífica», e ficar por aí só nos adjectivos. Pessoalmente, acho que essa crítica só de adjectivos não é boa, não chega. Quanto ao método, se eu estiver a escrever para a revista Colóquio/Letras, que tem um público fundamentalmente universitário, posso entrar em jogo com certas noções que não introduzo numa crítica feita num jornal de grande tiragem. Acho, no entanto, que há excelentes críticos numa perspectiva mais académica do

termo e que há excelentes críticos na perspectiva mais jornalística. E em qualquer dos campos se pode encontrar boa e má crítica.

P. — O que é fundamental para se ser um bom crítico?

R. — Que o acto de ler e escrever lhe dê prazer. Não precisa de ter qualquer formação especial, mas é necessário que escreva e leia bastante. Para se fazer um texto crítico com um mínimo de interesse é preciso haver uma certa capacidade criativa, e uma inspiração que às vezes toca em planos que são muito parecidos com a própria criação literária. Temos, por exemplo, o caso do ensaísta Eduardo Lourenço, Joaquim Manuel Magalhães, Eduardo Prado Coelho, etc.

P. — O crítico tem ou não tem poder?

R. — Tudo depende de quem assina a crítica. Por exemplo, no caso de eu publicar o meu próprio livro, há críticos cuja apreciação me deixaria um pouco indiferente. Tem a ver com aquela frase de que «vozes de burro não chegam ao céu»... Quanto aos leitores, para não haver más influências, o ideal seria que os bons órgãos de informação tivessem bons críticos. Devia haver mecanismos naturais de selecção. Mas, por outro lado, a influência junto dos leitores é, também ela, relativa. Há-de haver um público para os meus textos, eventualmente restrito. É só esse que eu vou influenciar. Mas há também um outro tipo de crítico que ajuda a vender livros ou a detá-los abaixo. Por exemplo, a Clara Ferreira Alves. É um tipo de crítica mais acutilante. Ou seja: ela tem o seu próprio público e apenas esse é influenciado por ela. O grande poder do crítico em geral não existe. **J.R.**